

Antes reinar em Desterro do que servir na Europa: Possíveis aproximações entre magia e bruxaria na Europa moderna e na atual Florianópolis

Better to reign in Desterro, than to serve in Europe: Possible comparison between magic and witchcraft in the modern Europe and in contemporary Florianopolis

Santiago Colombo Reghin¹

santiago_tj96@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Nesse artigo pretende-se apresentar os principais traços da bruxaria na Europa moderna, principalmente na região de Açores, utilizando uma aproximação da história cultural focando no imaginário e como o mesmo articula a imagem da bruxa e a dinâmica da magia. Em seguida é esboçado como vários elementos contemporâneos das histórias bruxólicas trazem os traços antigos europeus, mas com novas dinâmicas e misturas. No decorrer, apresentar-se-á debates teóricos sobre a bruxaria para defender uma noção ampla de magia, o qual é interno ao próprio sistema religioso católico, assim defendendo a posição de que não eram meras imposição dos inquisidores, e já estava no imaginário dos colonizadores de Florianópolis.

Palavras Chave: História comparada; bruxaria e magia; Florianópolis-SC; Açores-PT.

Abstract: This article aims to present the main features of witchcraft in modern Europe, especially in the Açores region, using an approach of cultural history focusing on the imaginary and how it articulates the image of the witch and the dynamics of magic. Then it is sketched out how various contemporary elements of the witchcraft stories bring the old European traits, but with new dynamics and mixtures. In this way, theoretical debates on witchcraft will be presented to defend a broad concept of magic, which is internal to the Catholic religious system itself, thus defending the position that they were not mere imposition of the inquisitors, and was already in imaginary of the colonizers of Florianópolis.

Keywords: Comparative History; witchcraft and magic; Florianópolis-SC; Açores-PT.

Iniciação

É comum referir-se a Florianópolis como “ilha da magia”, isso devido aos grandes incentivos de *marketing* nos anos 1980 que perpassavam a venda da imagem de uma cidade turística misteriosa e encantadora, utilizando-se principalmente das narrativas de Franklin Cascaes e do documentário “Ilha das Bruxas”. Todavia, o objetivo desse artigo não é explorar tal fetiche de uma construção mercadológica, mas seria investigar as origens do feitiço que correm as narrativas dos

¹ Graduando do curso de bacharelado e licenciatura em História da Universidade Federal de Santa Catarina.



locais. Tal proposto mostra-se como desafiadora, pois pouco foi pesquisado sobre as ligações das crenças presentes nos discursos sobre a bruxaria na ilha com o imaginário europeu da magia. Logo, isso força a cometer viagens temporais aparentemente tão absurdas e fantasiosas quanto a viagem das bruxas de canoa do Brasil às Índias, mas ao longo do artigo procurar-se-á mapear tal salto fantástico com figuras do imaginário que continuam a povoar as histórias locais, assim como as suas rupturas.

Para realizar tal empreitada o artigo seguirá a seguinte estrutura: O primeiro tópico discorrerá sobre alguns conceitos básicos para entender o que é magia, sem empregar uma definição que esgotará o conceito, mas permitirá toma-lo como paradigma de pesquisa; em seguida apresentarei as ideias principais do belo livro *Encontros Noturnos*², escrito pela antropóloga Sônia Maluf. Feito isso, darei um salto para a idade moderna; isso para percebermos quais traços estão presentes no imaginário da bruxa de Florianópolis e por quais motivos históricos eles se desenvolveram, em seguida, tratarei da inquisição no Brasil e como a magia era vista (e utilizada) pela população. O que irei tratar na última parte, em que utilizando como fonte os relatos no livro da Sônia, relacionando os mesmos com alguns processos inquisitórios de Açores, acessados através do site da Torre do Tombo³, buscar-se-á comparar as narrativas recentes com as narrativas feita na Europa pouco tempo antes da mesma cultura vir alocar-se na ilha (os primeiros grupos de açorianos chegaram em 1748), resta saber se ela já era mágica nesses tempos.

1 - Bruxas na Ilha: O que são? O que fazem? E onde habitam?

Uma boa (porém humilde) aproximação básica do conceito de magia seria tomar a concepção como interna mesmo à religião, só que vivendo em uma margem/fronteira, que dependendo do caso pode estar mais perto da ortodoxia ou condenada pela mesma. O ato mágico seria aquele feito visando algum benefício ou malefício, tais atos são intrínsecos aos sistemas religiosos e não apenas fora deles⁴. Com isso pretendesse passar a ideia que os atos mágicos trabalham com signos

2 MALUF, SONIA WEIDNER. **Encontros noturnos**. Bruxas e Bruxaria na Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.

3 O arquivo nacional de Portugal, o qual contém arquivos riquíssimos, dentre eles os processos inquisitoriais. <http://ant.dglab.gov.pt/>

4 A exemplo tem-se o exorcismo, sendo hora utilizado e hora condenado pela igreja católica na Inglaterra: THOMAS, Keith. **Religião eo declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. Companhia das Letras, 1991. p.394.



religiosos, e os rituais religiosos envolvem atos mágicos; a visão pejorativa do “mágico” não pode ser universalizada pois em diferentes épocas e espaços (assim como por diferentes posições sociais) o mágico pode ser muito mais a “regra” do que a religião ortodoxa.

Entrando no livro *Encontros Noturnos* (2012), a antropóloga realiza diversos relatos etnográficos por meio de entrevistas com objetivo de expor como as narrativas bruxólicas da ilha de Florianópolis seriam parte de um imaginário social não revelado em outros planos. A bruxaria seria:

Mais do que fragmentos que sobrevivem ao tempo, ou uma explicação para os mal-estares e conflitos da vida cotidiana, a bruxaria se configura em uma verdadeira cosmologia, uma forma de os lagoenses falarem de seu mundo e de si mesmos. As narrativas de bruxaria mostram uma dimensão do imaginário nativo subjacente às manifestações mais explícitas de sua cultura e não tornado visível pelos discursos e modelos conscientemente manipulados⁵.

As narrativas bruxólicas expressão um poder feminino que embate uma “dominação masculina”; tal poder, por não ser legitimado, exhibe-se por meios fantásticos. Ou seja, a bruxaria fala do real, mas por meios latentes envolvendo estruturas profundas - as origens desse “dialeto” simbólico e seus signos é que buscaremos ao longo do artigo. Para chegar a tal conclusão, Sônia mapeia as principais formas narrativas e quem as conta. O tipo um é geralmente contada por homens, expressando assim um medo pela ameaça que as bruxas fazem à sua identidade, assim penetrando seu espaço (os barcos de pesca). O tipo um representa o conflito feminino, estabelecido no campo doméstico sendo uma metáfora para uma realidade inconciliável. Em ambos os casos o que afasta a bruxa seria sua identificação, tanto pelo olhar (tipo um) ou pela palavra (o nomear ocorrido no tipo um)⁶. O objetivo da autora não é ter uma visão histórica e sim quis expor funções sociais que uma cosmologia bruxólica dinamiza. Todavia, a análise morfológica pode ser preciosa para perceber dinâmicas que podem desencadear um estudo diacrônico⁷.

2 - Bruxas na modernidade: Um sobrevo da Europa à Terra de Santa Cruz

5 MALUF, SONIA WEIDNER. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxaria na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993. p.173.

6 MALUF, SONIA WEIDNER; NOTURNOS, op. cit., p.162-168.

7 Ginzburg também reconhece (e utiliza) tais potencialidades no seu livro *História Noturna*: GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. Editora Companhia das Letras, 2012. p.32



No início da idade moderna europeia, tanto o catolicismo quanto o protestantismo não perseguiram mais os magos e bruxas que faziam os malefícios, mas sim qualquer herege. Ou seja, aqueles que sabem o “caminho correto” (cristianismo), mas escolheram desrespeitar o primeiro mandamento, amando outros ídolos, ídolos estes que na maioria das vezes seria apenas várias formas diferentes de referir-se ao demônio. Para garantir que os fiéis seguissem o caminho “correto” foram criados os tribunais do Santo Ofício, onde seu objetivo salvar a alma pela adequação ao dogma, evitar a heresia; tal visão de um novo discurso onde o malefício seria universalizado para todo ato mágico e de bruxaria, assim como a bruxaria envolveria um pacto com o demônio, tem que ser relativizado. É preciso enxergar tanto a diversidade entre os escritos, e principalmente como tais escritos foram recebidos nos diversos lugares. Será necessário ver as bases teóricas dos autores contemporâneos para perceber como viam os atos mágicos das regiões que trabalham.

Uma boa obra para servir como guia é o livro *História Noturna*⁸, onde o Ginzburg foca nas crenças italianas envolvendo o sabá. Primeiramente é necessário dividir de forma didática os autores entre os que acreditam efetivamente na existência do sabá (assim como de outras práticas mágicas (grupo um), e aqueles nos quais acham que o mesmo seria majoritariamente uma criação dos discursos de poder do santo ofício, que por meios de questionamento e tortura acabariam por impor no camponês tal discurso (grupo dois). No grupo um temos o clássico trabalho de Michelet, os estudos de Margaret Murray, escrevendo na década de 30 do século atual (junto com a formação de toda uma escola de seguidores). Contrapondo tal visão, temos o segundo grupo, que grande parte adviria da primeira leva de uma renovação da história cultural nos anos 60, como Keith Thomas, Alan Macfarlane, Norman Cohn e Hildred Geertz. O segredo para mediar tal debate em que ambos os lados apresentam posições válidas seria saber isolar a incrustação de antigas práticas que permanecem das doutrinas dos juízes. Assim, ao perceber que as vozes do documento chegam sufocadas, caberia o historiador continuar contando a história do seu enforcamento (como faz o segundo grupo), ou procurar métodos e práticas metodológicas para impedi-lo? Ginzburg e o autor do presente artigo, ficamos com a segunda; com isso seria preciso ver laços que rompem a unidade do discurso dos inquisidores e permite aflorar estrato profundo que de modo lento e imperfeito foi

8 GINZBURG, Carlo *op. cit.*



introjetoando o discurso intelectual demonológico, sendo que tal extrato sobrevive e expressa-se pelo sabá⁹, tendo ele como paradigma, Ginzburg destaca que seu surgimento de forma estereotipada, no século XIV, já vem de modo ambíguo expressando ao mesmo tempo elementos folclóricos estranhos à imaginação inquisitorial.

Todavia, o que quero explicar é a importância de perceber que os conceitos de bruxaria vão além de um discurso mercadológico. O estrato profundo (e presente) que Ginzburg quer expor é a base simbólica para a produção de imagem e fronteiras sociais que está expresso nos relatos da Sônia Maluf. Agora resta continuar a investigação numa análise da formação desse ateliê simbólico europeu que os açorianos trouxeram. Para expor mais propriamente o contexto ibérico, utilizarei o livro de Bethencourt¹⁰, que em grande parte segue com a opinião de Ginzburg¹¹. O autor foca em Portugal, tendo uma repressão muito menor do que o resto da Europa. Seu pensamento era de um ceticismo pragmático, combatendo suas principais ameaças herética no momento: os cristãos novos¹². Também é válido analisar a visão erudita, pois essa também não é homogênea. Prevalencia uma ortodoxia neotomista da segunda escolástica¹³, onde Deus tinha poderes totais e o Diabo seria seu subordinado. Os mágicos, feiticeiros e bruxas seriam aqueles que sabem se aproveitar, obtendo vantagens para si ou para outrem, da mesma maneira que um padre, mas com fins e acessos diferentes.

Analisando a instituição da inquisição¹⁴ no Brasil no final do século XVIII as primeiras visitas já ocorriam, com planos de começar no Nordeste e descer até o Rio de Janeiro, todavia com as incríveis heresias encontradas não foi possível o plano mais amplo¹⁵. As dinâmicas das vistas

9 GINZBURG, Carlo *op. cit.* p.25.

10 BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. Editora Companhia das Letras, 2004.

11 No fundo tratava-se de compreender dois polos de nossa análise, por um lado a visão mágica do mundo subjacente a uma grande diversidade de práticas aparentemente fragmentárias e compartimentadas, por outro uma visão demonológica construída pela igreja cristã entre os séculos XIII e XVI, destinada a reduzir o homo magus a mero intermediário do demônio e a transformar as feiticeiras em bruxas seduzidas pelo Maligno: BETHENCOURT, Francisco *op. cit.* p.12

12 BETHENCOURT, Francisco *op. cit.* p.16.

13 Isso difere principalmente da Inglaterra de Keith Thomas, onde uma visão mais dualista de herança maniqueísta do protestantismo colocou, tendo o uma imagem tão forte (e talvez até mais presente) que Deus. Tal recepção intelectual altera a importância relegada aos depoimentos popular, consequentemente diminuindo a repressão, onde mesmo sendo difícil de perceber sua cultura nos processos, ainda era mais acessível que na Itália e na Inglaterra: THOMAS, Keith *op. cit.* p.384.

14 Curioso notar que Vainfas coloca que percebendo tal imprevisto dos visitantes, vários “hereges” fogem para o sul do país *Idem* p. 227

15 *Idem* p.234



continuam com objetivos repressivo e pedagógicos, onde mesmo quando a inquisição decaí sua atividade em meados do século XVII, as dioceses continuam a fazer papéis análogos, colhendo testemunhos e recebendo denúncias¹⁶. Laura de Melo colabora colocando o interessante ponto que apoia o debate inicial sobre magia no início do artigo, no qual a bruxaria e magia não seria apenas a religião do outro. Sendo assim, o fenômeno não se resume a acusação das práticas africanas, mas também a tradições locais já trazidas pelos portugueses (e no caso desse artigo, mais especificamente pelos açorianos) que não obedecia a ortodoxia católica e expressa um extrato mais profundo da cultura. A autora expõe duas igrejas: a católica e a diabólica, esta última sendo expulsa para as américas, com ela o diabo e seus seguidores tentaram os índios locais¹⁷. Apesar de dar noções efetivas da bruxaria, o relatado aqui não abarca de modo satisfatório o sul do país, que não apresenta uma bibliografia tão desenvolvida sobre o tema. Visto alguns traços da inquisição no Brasil e do pensamento intelectual dos teólogos, resta ver como esse diabo e seu convênio bruxólico que “fugiu” da Europa vindos para as Américas, saíram do Nordeste e podem ter instalando-se na ilha da magia, onde se encontram até os tempos de hoje.

3 - Caldeirão de Narrativas: Ingredientes modernos e receitas contemporâneas

A investigação aproveitar-se-á dos traços colocados anteriormente para tentar achar compatibilidades e diferenças nos relatos coletados por Sônia Maluf (tópico um) e alguns casos de processo em açores (tópico dois), sendo essa a ilha em que em 1748 iniciou migrações para a ilha de Florianópolis, tendo influências culturais presentes atualmente. Claro que o *gap* temporal é relevante e perigoso, todavia aqui pretende-se levantar pontos iniciais para futuras investigações mais rigorosas.

Porém tal recurso impreciso também foi usado por Ginzburg¹⁸, em que tenta ver conexões entre fontes sem uma cronologia necessária, buscando captar elos internos na morfologia, sem uma hipótese evolutiva. Isso com o objetivo de deixar o olho sensível a conexões formais. Todavia isso

16 *idem* p.29

17 Por isso, com a chegada dos europeus, aos poucos vão ligando a cultura dos índios locais aos sabás demoníacos, pois projetavam uma visão que já estava em seu horizonte de expectativa. No caso do Brasil, tal analogia foi feita de modo menos maniqueísta e mais devagar, através de uma demonologia assimétrica (negada quando em frente a vias mais pragmáticas) e fluida. MELLO E SOUZA, Laura. **Inferno Atlântico: Séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.27.

18 GINZBURG, Carlo *op. cit.* p.32.



seria apenas um passo inicial, tendo o historiador, percebidas tais conexões, deve-se procurar evidências concretas das mesmas, agora sim buscando uma diacronia (caso ela exista, obviamente).

Primeira Comparação

Relato 1A: Itália (Idade Moderna)

O filho do moleiro Pietro Rotaro fora enfeitado pelas bruxas, mas (...) no momento do malefício, chegaram os andarilhos e retiraram-no das mãos das bruxas. Os benandanti, com efeito, reconhecem imediatamente as vítimas de um sortilégio; ‘percebe-se logo’, diz Gasparutto, ‘porque se vê que (os feiticeiros) não lhes deixa nenhuma carne no corpo, (...) e ficaram secos, secos, secos, só pele e osso’. E, se acorda a tempo, pode-se tentar salvar o menino enfeitado; basta pesá-lo três quintas-feiras consecutivas¹⁹.

Relato 1B: Nordeste do Brasil (século XVIII)

O bebezinho, que era pagão e estivera sempre são e lhe tomava bem a mama, começou a chorar alto, e acudindo a criança a acharam embruxada, com a boca chupada em ambos os cantos, tendo em cada canto da boca uma nódoa negra com sinal de dentada, e assim nas virilhas, em cada uma outra chupadura e nódoa negra. Nunca mais tomou a mama, ‘nem pôde levar pela boca coisa alguma;’ batizaram-na em casa, a criança chorando sempre, até que não mais conseguir abrir a boca, e morreu²⁰.

Relato 1C: Florianópolis (contemporâneo)

Entravam dentro das casa onde tinham as criança pequena, pela fechadura da porta, e atacavam as crianças, chupando o céu da boca. Depois iam embora e deixavam ali a criança embruxada²¹.

Um elemento comum que temos nos três relatos (vindos da Itália, norte do Brasil e sul do Brasil consequentemente) seria a criança como alvo, em que geralmente uma mulher conta a história de uma invasão de seu espaço doméstico. O objetivo da bruxa era sugar o sangue das

19 MALUF, Sonia *op. cit.* p. 154 *apud* Ginzburg 1988, p.48

20 MELLO E SOUZA, Laura *op. cit.* p.203

21 MALUF, Sonia *op. cit.* p.55



crianças (em outros relatos, diversas vezes é destacado o gosto pelo sangue humano). A nódoa deixada pela bruxa aparece nos relatos do Brasil, pois possivelmente era causada por insetos mais comuns à região tropical. Outro traço compartilhado seria a secura da criança, a bruxa suga seu sangue e sua vitalidade, no processo de embruxamento os choros são constantes. No relato da Itália é curioso observar a participação dos *benandanti* como salvadores dos malefícios, ou seja, também possuem poderes mágicos, mas usam para a benevolência – como foi comentado, havia uma fonte de poderes sobrenaturais que poderia ser usado para vários fins, sem implicar necessariamente na heresia do pacto diabólico. Uma função análoga a tais *benandanti* (porém com muitas reservas) seria a benzedeira, segundo Sônia, ela teria um poder que viria da mesma fonte mágica que as bruxas malévolas, mas era usada para salvar as crianças²².

Segunda comparação

Relato 2A: Nordeste do Brasil/século XVIII

Em meados do século XVIII, Luzia da Silva Soares foi acusada de entrar pelo buraco de uma janela para chupar o sangue de uma criança, metamorfoseada em borboleta. Conseguiu a proeza como bruxa que era²³.

Relato 2B: Florianópolis/contemporâneo

Dizem que elas têm o couro que nem nós e passam o ‘único’ (unguento) no corpo para voar²⁴.

Relacionando o relato 2A com o 1C percebe-se o clássico caso de metamorfose, com o intuito de entrar em lugares entroncados ou para viajar mais rápido. Os casos mais clássicos seriam o de transformar-se em morcego, borboleta e mosca. Isso poderia ser feito abruptamente pela bruxa,

22 Para saber mais sobre as benzedeira, o capítulo IV do livro de Sônia é dedicado ao assunto. Interessante acrescentar que um fato que corrobora para a evidência que a fonte do poder do benefício e do malefício eram iguais, seria que em raros casos a bruxa e a benzedeira eram a mesma pessoa, revelando um incrível plot-twist manézinho.

23 MALUF, Sonia *op. cit.* p. 153 *apud* Mello e Souza, 1986

24 MALUF, Sonia *op. cit.* p.152



mas geralmente o processo era auxiliado pelo uso dos famosos unguentos²⁵ (presente numa ampla gama de relatos nos mais diversos lugares da Europa) que engendrariam uma metamorfose. Um padrão seria que os animais ou formas humanoides em que se transformam é constantemente apresentada como um ser alado (até mesmo em Ginzburg, quando saiam voando em espírito). Bethencourt faz uma interessante semelhança retomando dicionários da idade média que ligavam o termo bruxaria com criaturas aladas da mitologia grega chamadas *Strinx*, uma ave noturna com características humanas misturadas com traços de corujas, um outro ponto seria a característica de chupar sangue humano. As semelhanças com traços que ultrapassam um cânone Europeu são inegáveis, todavia essas características interagem em forma de bricolagem com o contexto local, tendo tal criatura mítica grega passando pela inquisição com a assimilação à bruxa, e ainda depois relacionado às doenças de países tropicais.

Terceira Comparação

Relato 3A Florianópolis (Contemporâneo, coletado em meados do século XX). Na história narrada por Franklin Cascaes:

Um homem após ouvir barulhos estranhos no cais se esconde no barco para averiguar, quando bruxas entram na lagoa em que estavam e remam de maneira sobre-humana para um lugar distante. O home aproveita quando a canoa embarca numa praia para pegar a areia e um ramallete de rosas que estava à mão. [Depois do ocorrido, mostra para um amigo que responde]... Companheiro, a terra de origem deste punhado de areia e deste ramallete de rosas é a Índia. Eu aprendi, na minha escola de iniciação à bruxaria, que lá nos açores, a terra de nossos antepassados, as bruxas também costumavam a roubar embarcações e fazer estas viagens extraordinárias entre as ilhas e as Índias, em escasso minuto marcados pelos relógios do tempo²⁶.

Relato 3B Açores/1742

25 Seria um óleo para uso tópico, com fins aromáticos ou medicinais. Isso poderia estar relacionado com o fato de a bruxa ou curandeira manipularem elementos da natureza para fins próprios ou curar os outros.

26 CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Universidade Federale de Santa Catarina, 1979.



Pesquisando nos arquivos da torre do Tombo, é possível perceber que a maioria das denúncias e processos levados a diante são de Cristãos-novos acusados de heresia por atos que remetem ao judaísmo, todavia também aparecem relatos bruxólicos. Mas um interessante caso é o de Margarida das Chagas (mulher já de idade), sobrando apenas vestígios de denúncias à mulher e outros poucos pedaços do processo. Foi presa em 1742, as averiguações foram feitas em Ponta Delgada pelo reitor do Colégio da Companhia de Jesus. Segundo ela

Tinha pacto com o demônio que a levava do Brasil e à Índia, sendo algumas vezes acompanhada por Cristo. Essas viagens tinham por fim salvar algumas almas e, para esse efeito, ela andava de noite com uma cruz às costas em companhia de Cristo²⁷.

Entre essas e outras histórias contadas, a mulher foi condenada a açoite e cinco anos de degredo para Castro Marim.

Tal caso é de longe o mais curioso. A intencionalidade desse artigo pode ser expressa de forma mais evidente nessa comparação, onde no primeiro tópico procurou-se apresentar elementos contemporâneos que somado a uma concepção de magia nos dão uma receita, um conjunto de componentes possíveis para relacionar com a antiguidade e procurar sua origem. Já a segunda parte são os ingredientes para tal receita, sendo os principais elementos e características da inquisição portuguesa. Com isso temos que saber manipular os indícios e símbolos apresentados, como eu falei, ainda de modo muito experimental, mas com potencialidade de revelar novas conexões.

Interessante começar lembrando a primeira definição de magia, é algo que está na fronteira, isso foi expresso pela Margarida, os dois “opostos” fronteiros do mundo (que espelham o estranho e exótico no imaginário) o extremo oriente (as Índias), e o extremo ocidente (o Brasil); onde no globo se expressam juntos, no lugar fantástico em que a magia é relegada a descanteio por uma introdução da ortodoxia, porém ainda permanece viva e não isolada, pois as viagens são recorrentes. Uma concepção não tão maniqueísta²⁸ se expressa em sua fala ao colocar o diabo ao lado do próprio cristo, como seu acompanhante, lembrando o que foi relatado no segundo tópico

27 Portugal, Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, **Inquisição de Évora**, proc. 7972-1.

28 Bethencourt localiza diversas narrativas em que as feitiçeras portuguesas não opõem diretamente os poderes de Deus com os de Satanás, mas que manipula suas potencialidades de acordo com a ocasião, que pode pedir forçar ligadas a algo divino, diabólico, ou uma combinação; isso reflete muito mais um pensamento utilitário e pragmático sobre a magia do que um respeito a uma ortodoxia. BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feitiçeras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. Editora Companhia das Letras, 2004. p. 108.



sobre em Portugal um pensamento não tão dicotômico que remete ao medievo e até a extratos mais profundos da antiguidade (na concepção de Ginzburg). No relato 3B (contemporâneo), vemos que muitos elementos continuam, mas agora os personagens estão no próprio lugar onde se acreditava ser a fronteira mágica, que continua em contato com o outro extremo oriente que seriam as Índias, as bruxas presentes na ilha invadem os espaços masculinos da pesca (como foi destacado pela Sônia no primeiro tópico), estão vivamente presente, como se as bruxas expulsas da Europa, junto com a magia fosse para a fronteira, como destaca Laura de Melo e Souza apontado no segundo tópico, como uma igreja de Satanás que vai para extremos não alcançados pela igreja católica, sendo o sul, que recebe muito menos visitas que as áreas do norte (como o apontado por Vainfas, também no segundo tópico), e também as Índias. Interessante notar que no diálogo é ressaltado que as bruxas já abitavam Açores e já costumavam fazer tal viagem, logo a crença mágica não é algo tão exótico que chegou com os Africanos ou era adotada somente pelos Índios locais, ela já habitava o próprio sistema religioso católico, pois faz parte (mesmo que de escanteio) de sua dinâmica e formação de imagens. Tais dinâmicas muito antigas ainda são articuladas atualmente, como foi demonstrado pela Sônia no livro exposto no primeiro tópico, mas com funções sociais diversas.

Considerações Finais

Os passos seguidos aqui foram claros, apresentou-se a tese do livro de Sônia e suas interessantes percepções sobre o fenômeno da bruxaria. Em seguida foi realizado um debate teórico para explicar as perspectivas que considero mais adequadas para aproximar-se dos fenômenos da bruxaria (que precisam ser revisadas com cuidado para não continuar caindo no erro de silenciar o imaginário popular), conjuntamente foram expostos traços de inquisição em Portugal em comparação com a Inglaterra e Itália, isso para perceber as diferenças que o contexto provocam nos processos (desconstruindo a perspectiva de uma instituição coerente e homogênea que impunha um discurso ortodoxo). Para finalizar a parte dos debates mostrei como eram realizadas as visitas no Brasil, tendo a bibliografia prezado o norte do país.

Na última parte quis fazer comparações e diagnosticar traços constantes (que como disse permitiu Ginzburg um olhar privilegiado para eles). Temos a pergunta clássica se as práticas de bruxaria seriam realmente efetivadas – como encontros e afins- (A), imaginação popular (B) ou



criação católica (C). Ainda não pode ser respondida de forma categórica, mas com o investigado aqui, é seguro afirmar que a resposta deve ficar entre A e B; se tomarmos o ponto de Bethencourt que “o historiador não tem que se pronunciar sobre a ‘realidade’ da magia, competindo-lhe apresentar uma visão de mundo que modelou os comportamentos e crenças de grandes partes da população”²⁹. Se tomarmos tal lema, as brechas diminuem onde tais visões de mundo são expressas por tal extrato profundo que exploramos.

Um último breve ponto para tocar é sobre a preciosidade dos relatos contemporâneos. Ginzburg desenvolve um complexo e interessante método indiciário para chegar em vozes ocultas nos processos inquisitoriais. Talvez se Ginzburg faria vários sacrifícios à Clio para ter contato e analisar tais narrativas coletadas pela antropóloga. Todavia ainda não se tem um acesso “direto” a tal substrato imaginário. Como Ginzburg tinha que buscar traços velados pelos inquisidores, nós temos que buscar traços velados pela modernidade. Todavia esse velamento não é algo que esconde um fenômeno puro, mas que já faz parte da dinâmica do mesmo, resta aproximar-nos da rica cultura local que temos e procurar os nós mais evidentes desse véu, para quem sabe traçar uma genealogia mais precisa dessas relações; o objetivo desse artigo é ser o catalizador desse processo.

Referências

- BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. Editora Companhia das Letras, 2004.
- CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Universidade Federale de Santa Catarina, 1979.
- CHARTIER, Roger et al. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- EURIPEDES. **As Bacantes**. Tradução de Mário de Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o sabá**. Editora Companhia das Letras, 2012.
- GLARE, Peter GW. **Oxford latin dictionary**. Clarendon Press. Oxford University Press, 1982.
- LIDDELL, Henry George et al. **Greek-English lexicon... with a supplement**. 1968.
- MALUF, SONIA WEIDNER. **Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxaria na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.

29 idem. P.15



MELLO E SOUZA, Laura. **Inferno Atlântico: Séculos XVI-XVIII.**São Paulo:Companhia das Letras, 1993.

MELLO E SOUZA, Laura. **O diabo e a Terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

OGDEN, Daniel et al. **Bruxaria e Magia na Europa:** Grécia Antiga e Roma. São Paulo: Madras, 2004.

PEREIRA, Isáfas da Rosa. **A Inquisição nos Açores** : subsídios para a sua história II. Instituto Universitário dos Açores, 1980

TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. O pecado do historiador: para uma leitura d'A Feiticeira, de Jules Michelet. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 14, n. 27, p. 440-455, 2013.

THOMAS, Keith. **Religião eo declínio da magia:** crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. Companhia das Letras, 1991.

PORTUGAL, Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, **Inquisição de Évora**, proc. 7972-1.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados:** moral, sexualidade e inquisição no Brasil. 1989.

Recebido em 08 de dezembro de 2017.

Aceito para publicação em 18 de dezembro de 2018.

